

Arvidades  
(18-k-53)



Fundação Cuidar o Futuro

# O I CONGRESSO NACIONAL DA J. U. C.

Decorreram com o mais vivo interesse

AS REUNIÕES PARCIAIS E A REUNIÃO PLENÁRIA DE ONTEM



Num jornal matutino de ontem, citavam-se estas linhas de uma carta de Homem Cristo (Filho): «A hora é louca. É preciso agir. A multidão espera, agrupada às portas da cidade. Ela reclama chefes ou mártires. Apoio no acelerador... mais... mais... Mais!»

Agora reunida em Lisboa, num Congresso que é auscultamento e projecção, também a Juventude Universitária Católica Portuguesa carrega no acelerador e lança-se, destemidamente, na sagrada aventura de... Mais!

O acelerador, para ela, é a Acção Católica, instrumento providencial de recristianização do mundo com que Sua Santidade Pio XI, alarmado perante o delírio negativo das massas humanas, resolveu unir e dinamizar, dentro de uma orgânica própria, todas as forças da catolicidade.

Entre estas, há que salientar a da mocidade estudantil, destinada a dirigir, amanhã, grande parte das correntes do pensamento e da acção social.

Ainda há pouco, de 28 a 30 de Março, realizou-se em Lille o Congresso dos Estudantes das cinco Universidades Católicas da França. O tema do Congresso, a que presidiu o Cardeal Liénart, foi «A Universidade Católica e o sentido da Unidade». O lema do actual Congresso de Lisboa é «Estar presente — Servir a Igreja». Toda a presença tem de ser una para ser eficaz. E não há melhor eficácia na unidade do que a procurada apaixonadamente no serviço da Igreja e na defesa constante da sua causa.

Na igreja de S. João de Deus, afirmou na manhã de on-

tem o sr. Bispo do Porto que pertencemos a um mundo sem consciência e sem poder, porque sem unidade.

«É na unidade sólida e ardente que a Juventude Universitária Católica Portuguesa melhor realizará o seu ideal de fé e de cultura. O Congresso que promoveu já demonstrou a sua capacidade, não só de resistir às violências do temporal que devasta hoje as inteligências, mas de apressar, na sua penetração e irradiação libertadora, o reinado de Cristo sobre a nossa Terra. É das suas responsabilidades, como das urgências da sua alma e do seu sangue, marchar para a frente, à maneira dos pioneiros e dos conquistadores, até porque, segundo se canta no Hino da Acção Católica Portuguesa,

*Há caminhos não andados  
Que esperam por alguém...*

Continua com o maior interesse do Congresso da Juventude Universitária Católica.

Como estava previsto, iniciaram-se às 11 horas as reuniões parciais sobre as cinco primeiras questões subsidiárias. Enorme concorrência. A abrir cada uma das sessões, em salões separados, foi rezada em voz alta a oração da J. U. C. Todas as reuniões tiveram notável elevação, tendo cada sessão demorado mais de duas horas.

### Organizações universitárias de estudantes

A sessão em que o sr. Joaquim Vilaça Delgado, de Coimbra, apresentou um belo trabalho sobre «Organizações universitárias de estudantes», presidiu o sr. dr. Armando Sales Luis. Foi assistente eclesialístico o sr. Padre dr. António dos Reis Rodrigues. Dos assuntos tratados damos o seguinte resumo:

- I—Introdução:
  - 1—A preocupação associativa no meio universitário: o facto e as suas razões de ser.
  - 2—As manifestações concretas do associativismo universitário e a sistematização das mesmas em vista da sua finalidade e amplitude.
  - 3—Organizações-tipos que interessam particularmente à vida universitária.
- II—Organizações de tipo ideológico:
  - 1—Com finalidade primariamente ético-social (Centros Universitários da M. P.).
  - 2—Com finalidade primariamente religiosa e apostólica (J. U. C.).
  - 3—Com carácter complementar de...

associações, quanto a certos aspectos da sua actividade formativa, em relação às deficiências da Universidade Portuguesa.

III—Organizações de tipo neutro (Associações académicas):

- 1—Natureza, carácter representativo e importância.
- 2—Objectivos que se propõem e análise crítica da acção que têm desenvolvido.
  - a) Integração dos estudantes na vida universitária:
    - pelo desenvolvimento da consciência da sua dignidade e responsabilidade de universitários (em ordem especialmente ao estudo e à missão social futura);
    - pelo esclarecimento quanto às perspectivas sociais e às exigências técnicas das profissões para que o curso habilite;
    - pelo contributo para a resolução dos problemas do ensino;
    - pelo fornecimento de meios de estudo (publicação cuidada de folhas, sala de estudo, biblioteca de especialidade);
    - pela formação do sentido comunitário: a importância das instalações de que a Associação Académica possa dispor.



O Sr. Bispo do Porto fazendo a sua homilia

**PRECISAMOS DE FORÇA MORAL**

**PARA VENCER**

**E NÃO SE VENCERÁ SEM UNIDADE**

— afirmou na igreja de S. João de Deus o sr. Bispo do Porto

No mesmo ambiente de entusiasmo e vivo interesse, prosseguiram ontem os trabalhos do Primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. Registou-se extraordinária concorrência a todos os actos, sendo de justiça salientar a elevação como decorreram as reuniões de estudo cujos assuntos previamente escolhidos foram debatidos acaloradamente.

O primeiro acto colectivo, como de costume, foi ante o altar. Todos os congressistas — em número superior a dois mil — se reuniram na igreja de S. João de Deus, às 9 horas, e ali assistiram à Santa Missa e receberam a Sagrada Comunhão. Encheram-se as três amplas naves da moderna igreja, de rapazes e raparigas que, com profundo recolhimento, seguiram o desenrolar das cerimónias. Sobremaneira edificante, o coro cadenciado e unísono de vozes fortes que dialogou sempre com o celebrante.

A missa foi celebrada por Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>da</sup> o Sr. D. António Ferreira Gomes, venerando Bispo do Porto, acolitado pelos srs. cônego Valente, do Porto, e dr. Domingos Maurício dos Santos, assistente geral da J. U. C. Além de outros sacerdotes, encontravam-se presentes o rev. pároco, sr. P.<sup>o</sup> António Antunes Abranches, e o sr. dr. António Rodrigues que, ao microfone, fez

as devidas explicações. Ao ofertório solene, juchistas do Porto fizeram entrega do pão e do vinho ao ilustre Prelado, abeirando-se outros com velas acesas, num simbolismo impressionante que nos lembra que a vida do cristão se deve gastar totalmente na prática da caridade.

Na altura própria, os congressistas receberam com edificante piedade o Pão dos Fortes, das mãos do celebrante e de mais seis sacerdotes.

**A Homilia**  
Ao Evangelho, o Sr. D. António Ferreira Gomes fez uma calorosa homilia em que, depois de se referir ao significado das palavras universo, universidade e catolicidade, frisou que todos os juchistas deviam ter presentes as máximas: não há poder que não suponha ciência; a ciência tende a finalizar-se no poder; a ciência é a alavanca do poder.

O ilustre Prelado fez veemente apelo à unidade, dizendo que a unidade e a presença em nós mesmos representa consciência. Pertencemos a um mundo sem consciência e sem poder. A vida e a civilização modernas foram feitas na luta para afastar este grande escândalo — de um mundo novo criado pelo homem. O homem hoje encontra-se pe-

(Continua na 6.ª página)

### PROGRAMA DE HOJE

Às 9 h., na Igreja de Nossa Senhora de Fátima — Missa e Comunhão Geral, sendo celebrante o senhor Arcebispo-Bispo de Coimbra.

Às 11 h., no Instituto Superior Técnico — Reuniões parciais:

Apostolado universitário; Universidade Católica; Tipos actuais de Universidade;

A Mulher na Universidade; Preocupações culturais e ideológicas dos estudantes.

Às 15,30 h., no Instituto Superior Técnico — 4.ª reunião plenária: «Responsabilidade social da Universidade», sendo relator o Prof. Eng.º António Sousa da Câmara, do Instituto Superior de Agronomia.

Preside a esta sessão o Prof. Eng.º Alberto Manzanhaes Abecassis, do Instituto Superior Técnico.

Às 21,45 h., no Instituto Superior Técnico — Sarau de Arte, por «Polyphonia» sob a direcção do Cantor-Mór Mário de Sampayo Ribeiro, e pela pianista Nina Marques Pereira.

### PROGRAMA DE AMANHÃ

Às 9 horas: Solene Pontifical, na Sé, com a assistência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa.

Às 11 horas: Excursões facultativas.

Às 16 horas: 5.ª e última reunião plenária de trabalhos.

Tese: «Universidade e Igreja».

Relator: Professor Doutor Augusto Vaz Serra, da Faculdade de Medicina de Coimbra.

Presidente: Professor Doutor Alvaro Júlio da Costa Pimpão, da Faculdade de Letras de Coimbra.

Às 17,30 horas: Sessão de encerramento sob a presidência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa.

Programa: — Discurso pela Presidente Geral da J. U. C. F.: «O Congresso e a renovação da Universidade».

— Leitura e aprovação das Conclusões e Votos do Congresso.

— Palavras de encerramento por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca.

## VIDA INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE

foi o tema admiravelmente desenvolvido pelo Prof. Dr. Galvão Teles

Os trabalhos da 3.ª reunião plenária tiveram início às 15 horas e meia no Pavilhão de Oficinas, com o presença dos Srs. Arcebispo de Milene, Bispo do Porto, Subsecretário do Estado da Educação Nacional, professores universitários e elevado número de congressistas. Presidiu o sr. dr. José Pires Cardoso, professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, ajudado pelos srs. Prof. Dr. Inocêncio Galvão Teles, Padre Dr. António Rodrigues, Padre Dr. Domingos Maurício dos Santos, D. Maria de Lourdes Pintassilgo, Manuel Paulo Marques e D. Maria Gina Nunes da Silva.

Depois da invocação ao Divino Espírito Santo, procedeu-se à leitura do expediente, entre o qual telegramas de adesão dos estudantes juchistas brasileiros e do Sindicato dos Estudantes Universitários de Espanha.

O sr. Prof. Dr. Pires Cardoso fez, em seguida, a apresentação do Prof. Dr. Galvão Teles, que desde há muito e prestígio da cultura jurídica no nosso país, a contribuir para o progresso do País.

O sr. dr. Inocêncio Galvão Teles precedeu a leitura da sua tese com palavras de agradecimento e felicitou os promotores do Congresso após o que declarou não deconhecer as responsabilidades do tema que ia desenvolver. E continuou: «Sei bem que a sua complexidade escapa em muito a um exame sucinto, como o que sou forçado a fazer. Receto que para ele me faleçam as forças. E sobretudo não ignoro que em terreno tão delgado se não podem improvisar soluções apressadas, qual miraculoso elixir que num abrir e fechar de olhos dissipasse todos os males, desterrasse todos os vícios. De resto, o remédio para os defeitos de que enferma a vida universitária portuguesa, senão de muitos países, não está tanto em reformas, em soluções exteriores que de nada valem se não passam de fios, de inertes textos legais.

«Se a legislação se faz e se impõe — escreveu Oliveira Martins — o ensino pode decretar-se, mas não passa do papel».

O remédio — continuou — está principalmente no espírito com que se actua nas reformas, a fé, a crença com que se vivem, ou até no entusiasmo criador que as dispensa. A vida institucional da Universidade que ha-de ser sobretudo senso vida, calor, acção, amor abrasado na chama de um ideal que vem de dentro e não é pautado pelas linhas da lei».

Proseguindo, o orador disse que a Universidade constitui caracteristicamente uma verdadeira instituição. Há nela uma comunidade de pessoas, os professores e os alunos, immanados na prossecução dos mesmos

b) Promoção cultural dos universitários:

— no domínio genérico dos grandes problemas do momento, designadamente provocando o contacto intelectual entre as diversas faculdades;

— nos domínios literário e artístico (Bibliotecas, conferências, concertos, exposições, etc.).

c) Educação física. Desportos e recreio:

— vigilância e assistência médica;

— as condições exigidas e as exis-

(Continua na 5.ª página)

tutos, escolhia os seus órgãos, designava os seus professores, traçava as directrizes superiores da sua vida; possuía bens próprios que administrava; exercia jurisdição sobre os seus membros.

A moderna Universidade portuguesa ainda possui autonomia em muitos aspectos. Mas não é mais que um serviço público ou administrativo (embora com personalidade jurídica), dependente de um departamento do Estado.

Por isso, cumpre realizar tudo o necessário para que as Universidades reganhem cada vez maior autonomia, acentuando a própria de cada uma e enquadrando-as num organismo também autónomo, que resolva por si todos os problemas, tanto quanto possível liberto de interferências burocráticas.

(Continua na 5.ª página)

# O Congresso Nacional da J.U.C.

## AS REUNIÕES PARCIAIS

(Continuação da 1.ª página)

tenças para a prática de ginástica, desportos e recreio (instalações, material, compatibilidade com os horários, interesse manifestado pelos estudantes);

d) Resolução de problemas económicos dos estudantes no domínio da assistência organizada:

- empréstimos de material de estudo e de dinheiro para propinas, etc.
- no domínio das necessidades normais (cantinas, transportes, etc.).

3 — A presença dos universitários católicos nas Associações académicas.

a) Condições práticas da actual situação religiosa política das associações académicas, imposta pelo carácter da Universidade Portuguesa;

b) O dever e o direito de intervenção dos estudantes católicos para lhes garantir a consecução dos objectivos.

### Condição económico-social dos estudantes

Na segunda sessão, assistida pelo sr. cônego dr. Joaquim Manuel Valentim e presidida pelo sr. dr. Adérito Sedas Nunes, foi relator o sr. Jorge Biscaila, de Coimbra, que disse em resumo:

I — Origem social e geográfica:

1 — Os meios sociais donde provêm os universitários, determinando-se a profissão dos pais e a medida da sua influência na escolha dos respectivos cursos.

2 — Origem geográfica dos universitários e suas consequências, especialmente quanto à escolha da carreira e à distribuição pelos diversos centros de estudo e ensino.

II — Frequências dos estudos:

1 — Família ou rendimentos próprios.

2 — Actividades remuneradas, relacionadas ou não com a futura profissão (Trabalho contínuo ou eventual).

3 — Horas de estudo.

III — Encargos directamente relacionados com o curso:

1 — Propinas. Reduções e isenções concedidas.

2 — Outros encargos inerentes ao curso (livros, folhas, etc.).

IV — Habitação:

1 — Natureza do alojamento.

a) Casa de família;

b) Lócais;

c) Repúblicas;

d) Quartos ou pensões.

2 — Condições e condições de trabalho proporcionadas pelo alojamento:

a) Condições de salubridade (exposição ao sol, ventilação, etc.);

b) Condições de isolamento;

c) Estabilidade de domicílio.

3 — Distâncias em relação à Faculdade; meio e duração do transporte.

V — Alimentação:

1 — Locais onde é fornecida:

a) Na residência, quer seja ou não familiar;

b) Fora da residência: restaurantes; cantinas escolares (número e preço das refeições servidas).

2 — Nível da alimentação (nos casos em que o universitário não vive com a família).

VI — Saúde, descanso, recreação e exercícios físicos:

1 — Horas livres e sua distribuição.

2 — Tempo médio de sono.

3 — Espectáculos: frequência e géneros preferidos.

4 — Tempo dedicado à ginástica e ao desporto. Instalações por intermédio das quais são praticados. Desportos preferidos.

5 — Assistência médica aos estudantes.

VII — Crítica geral da situação verificada nas sessões anteriores à luz dos seguintes princípios:

1 — A Universidade deve ser acessível a todos os jovens meritorios, independentemente das suas disponibilidades financeiras;

2 — A Universidade deve oferecer as condições necessárias à difusão do espírito comunitário entre todos os que nela trabalham.

VIII — Directivas para a solução destas problemas (especialmente quanto a bolsas de estudo, residências de estudantes, assistência médica e instalações para a educação física e desportos).

### O universitário e os problemas do estudo

A sr.ª D. Maria Manuela da Silva, de Lisboa, foi a relatora da quarta sessão e que assistiu o sr. Padre dr. Eurico Dias Nogueira e presidente o sr. dr. Francisco Pereira de Moura. Do trabalho apresentado pela relatora damos os seguintes tópicos:

I — Condições fundamentais:

1 — Estílo próprio de estudo do universitário.

2 — A vocação intelectual:

a) o que pode determinar uma:

- as qualidades naturais;
- o condicionamento externo;
- b) qualidades do intelectual;
- amor à verdade e audácia na sua aquisição;
- juízo crítico e capacidade de síntese;
- humildade intelectual e espírito de colaboração;
- qualidades morais, em especial, o desprendimento de si próprio e amor dos outros.

II — Problemas prévios do ensino universitário:

1 — A admissão à Universidade e seleção ao longo do curso;

a) necessidade de seleção por parte da Universidade;

b) bases para uma seleção eficiente na entrada de novos alunos;

c) a seleção ao longo do curso.

III — A orientação do ensino universitário:

1 — A colaboração, como relação pedagógica típica entre professores e alunos, no ensino superior.

2 — A organização material do ensino:

- horários;
- regime de aulas;
- funcionamento de bibliotecas, laboratórios, etc.

3 — A metodologia do trabalho universitário:

a) importância do método no trabalho universitário;

b) método de trabalho do universitário comprovado por alguns índices:

- modo de seguir as lições;
- forma de recolher apontamentos, etc.

IV — A investigação na Universidade:

a) sentido e relevância da investigação dentro da Universidade;

b) a investigação, na Universidade actual, observada através de alguns índices:

- preocupação de professores e alunos pela actualidade científica;
- expansão dos seminários de investigação;
- natureza de trabalhos apresentados.

### Problemas religiosos e morais dos estudantes

A terceira sessão realizou-se sob a assistência do sr. Padre dr. Urbano Duarte, Presidência do sr. dr. Manuel Abecassis e foi relator o sr. João Resina Rodrigues, de Lisboa, que disse em resumo:

A — Os factos

I — Problemas religiosos:

1 — Atitude dos universitários em geral:

a) perante a religião;

b) perante o Cristianismo;

c) perante a Igreja;

2 — Atitude dos universitários católicos:

a) perante o sobrenatural;

b) perante a oração e os sacramentos;

c) perante a hierarquia;

d) perante a comunidade cristã;

e) perante a obra da Redenção;

f) perante as exigências da alta cultura católica.

II — Problemas morais:

1 — Posição da geração universitária actual perante os vários problemas da vida:

a) no plano da formação e valorização do sentimento;

b) no plano da formação do carácter;

c) no plano especificamente universitário:

- estudo (seriedade e lealdade);
- vida académica (camaragem, relações entre rapazes e raparigas, manifestações académicas);
- no plano profissional:
- sentido das responsabilidades profissionais;
- preocupação pelos problemas deontológicos;
- do plano social e cívico:
- interesse pelos problemas nacionais e sociais;
- sentido da autoridade e disciplina;
- patriotismo;
- no plano familiar:
- concepção do amor;
- preparação para a vida e os deveres da família.

2 — A ideia da vida entre os uni-

### Problemas de vocação e preparação profissionais do estudante

A quinta sessão das reuniões parciais foi assistida pelo sr. Padre dr. Domingos Maurício dos Santos. Presidência do sr. dr. José Manuel Pinto Correia e foi relator o sr. António Coimbra.

A quinta sessão das reuniões parciais foi assistida pelo sr. Padre dr. Domingos Maurício dos Santos. Presidência do sr. dr. José Manuel Pinto Correia e foi relator o sr. António Coimbra.

### VIDA INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE

(Continuação da 1.ª página)

cráticas e políticas. Mas, antes disso e independentemente disso, urge que as Universidades se mostrem à altura da independência que já possuem e adquiriram já a uma independência ainda maior, usando dela sempre que couber, com firmeza, mas sem desvios nem deformações. A liberdade envolve responsabilidade. Só merece regalias quem se mostrar capaz de fazer bom uso delas. Que nós, professores e alunos nunca esqueçamos esta coezinha e elementar verdade.

III — Tipos de Universidades

O Prof. Dr. Galvão Teles distinguiu depois três tipos de Universidade: a formativa, a científica, e a técnica.

Desenvolveu largamente o seu pensamento acabando por concluir que o tipo ideal de Universidade é o primeiro — cujo principal escopo é formar caracteres, definir personalidades, formar lutadores para os combates da vida e, em particular, para os daquele sector profissional onde os discípulos irão lançar-se. Instrumentos desta formação integral não são apenas nem tanto os úteis saberes técnicos ou as finas intuições científicas, mas

### O espírito verdadeiramente universitário

Sempre escutado com o maior interesse e de quando em vez, alvo de prolongadas saivas de palmas, o Prof. dr. Galvão Teles apresentou algumas

também e sobretudo o enriquecimento cultural do espírito e da vontade, tomada a palavra cultura no seu genuíno significado, como a ministração de princípios humanísticos, de ordem intelectual, religiosa, moral.

Proseguindo: «A Universidade só pode desempenhar cabalmente a sua delicada missão: só pode ficar à altura da responsabilidade que sobre ela impende, das contas que a Sociedade tem o direito de lhe exigir, só pode dar-se por satisfeita se se dedicar de verdadeiramente à integral formação dos seus alunos, no pluralizado das respectivas personalidades. Só nesse ambiente e dentro desse espírito a vida institucional e corporativa universitária atingirá a sua mais alta expressão. A Universidade voltará a ser a alma mater, a universitas magistrorum et scholarium, o aguntamento de mestres e de escolares, reunidos em comunidade íntima como uma grande família, à volta de um ideal em que todos participem.

### Condição indispensável de uma fecunda vida institucional da Universidade e a sua autonomia, a que ela

assimilar; uma ficção, a vida universitária que não existe ou em que o aluno não intervém, posto à margem como estranho.

As responsabilidades não cabem só aos mestres, cabem também aos próprios estudantes; são de todos. É preciso que todos, por consequência, façamos um exame de consciência, a fim de procurarmos melhorar o que não está certo.

O problema é tão complexo, depende de tantos factores, acha-se tão intimamente ligado a qualidades pessoais variáveis de indivíduo para indivíduo, que seria pura estultícia querer buscar-lhe uma solução uniforme e infalível.

Mas devemos reflectir nele, ter consciência da sua realidade e pôr, de parte, a maior diligência ao serviço da sua resolução.

Está em causa todo o sistema de relações de professores e alunos e de alunos entre si.

Essas relações devem estreitar-se tanto quanto possível, no duplo sentido indicado.

Só em tal estreitamento do estudante encontrar o germe fecundo do completo desabrochar da sua individualidade, quantas vezes riquíssima de criadoras potencialidades adormecidas, que só esperam o estímulo de um acaiete ou equilíbrio para saírem, despertadas, do letargo em que jazem.

A primeira condição necessária para o êxito e florescimento da vida institucional universitária é que o aluno se integre nela, desde a primeira hora, com a máxima consciência de um colaborador activo. Grande parte do mal vem do facto de ele se limitar a uma cómoda passividade, a aceitar todo o forte espírito de iniciativa, ou porque o mestre, também passivo, o não incita a reagir, ou porque ele resiste a todos os estímulos, distante na sua crosta de indiferença, ou abulido, sem coragem para vencer a timidez que o enleia.

O estudante precisa, antes de mais, de adquirir um grau de desenvoltura intelectual verdadeiramente universitária, base e ponto de partida do consistente enriquecimento e afirmação do seu espírito em todas as outras direcções possíveis.

Mas não o conseguirá se se limitar, como tanta vez faz, a aprender melhor ou pior o que lhe é ensinado, sem uma fecunda reabolição, sem uma filtragem cuidadosa através da própria sensibilidade e do próprio espírito crítico. Os problemas da inteligência, como os da vida e os problemas da vida são eles também, reclamam em quem deles se abreia uma postura enérgica de lutador, antecipadamente certo da vitória. Há que enfrentá-los e atacá-los viril, corajosamente, como num duelo. Pobres do que molemente se lhes abandonam, porque esses não vencem, são vencidos.

Compete ao mestre, logo desde o começo, despertar, orientar e corrigir o sentido crítico dos seus discípulos, afoando-lhes essa poderosa força que depois lhes permitirá caminhar resolutamente, entregues a si mesmos.

Para tal efeito, um dos processos mais úteis consiste, a meu juízo, em promover discussões entre alunos, travadas nos aules ou fora delas, em círculos ou círculos de estudo, sobre temas do programa ou alheios a este, sob a vigilância e discreta direcção do professor. Este reduzirá a sua intervenção ao mínimo, entregando o debate aos discípulos como coisa deles, e apenas se intrometerá, como prudente árbitro, em ordem a rectificar ou esclarecer, aqui ou ali.

Cônego das suas possibilidades e dos seus deveres, o estudante procurará, através e para além da aprendizagem obrigatória, conhecer a si mesmo, segundo o velho conselho aristotélico: encontrar os caminhos da sua inteligência e da sua sensibilidade, e lançá-los a si, confiantes. Escutevemos alguns George Bernardos: «para valer alguma coisa, é preciso primeiro saber o que se vai».

Quão largas perspectivas tem o aluno diante de si, quão ricos e gembrantes tesouros se oferecem, prodigamente, à sua avidez espiritual!

A busca serena da verdadeira vocação, o incessante alargamento dos horizontes culturais, que permita determinar com precisão as coordenadas de especialidade escolhida, no largo universo dos conhecimentos humanos; o desenvolvimento do sentido social, que leve cada um a sair do casulo do seu egoísmo e a vibrar em uníssono com os demais, preses todos as malhas de uma mesma e forte solidariedade; o aperfeiçoamento moral, religioso e cívico; a tensão, a luta doutrinária, tantas vezes directiva em que o verdadeiro estudante deve orientar o rumo das suas preocupações.

Para isso, alguma coisa se pode esperar e exigir da ajuda do mestre.

Mas, neste capítulo, os principais frutos há de produzi-los uma intensa vida associativa dos escolares, que os ponha em permanente contacto íntimo.

Residências ou casas de estudantes, associações académicas, centros religiosos ou ideológicos — eis outras tantas organizações que, colaborando nos fins universitários, fazem parte também da Universidade integral, como suas peças essenciais, imprescindíveis.

Diga-se ainda que, restando um pouco o fio de antiga tradição portuguesa, se deve dar ao corpo discente, no governo da Universidade ou da Escola, uma participação e que ele tem andado alheio, ouvindo representantes ou delegados seus sempre que, para efeitos de reforma ou de outra ordem, estejam em causa directamente os seus interesses e as suas aspirações.

### Sessão cinematográfica

No Cinema Império, às 18 horas e meia, realizou-se uma sessão cinematográfica dedicada aos congressistas. Foi apresentado, em primeira exibição no nosso País, o interessante filme «Journal d'un Curé de campagne».

Rádio Universidade (Estação Lisboa 2, da Emissora Nacional) fez hoje

## NOVIDADES

veritários de hoje: síntese do N.º anterior.

B — A Crítica

I — Relação entre o actual estado moral dos universitários e o seu estado religioso.

II — Elementos condicionantes da actual situação religiosa e moral universitária:

1 — A vida e a cultura contemporâneas;

2 — A educação familiar e pré-universitária;

3 — O ambiente estudantil tradicional;

4 — A orientação do ensino na Universidade;

5 — A carência de fontes de informação e de estudo;

6 — A falta de tempo com que o universitário se debate.

C — Orientações

I — Necessidade de uma acção que excede os limites e a competência da Universidade.

II — Condições de uma contribuição eficaz, da parte da Universidade, para a solução dos problemas religiosos e morais dos universitários:

1 — Condições negativas:

a) não-absorção demasiada da vida do estudante;

b) respeito, no ensino, pela verdade natural e revelada;

2 — Condições positivas:

a) restabelecimento do espírito comunitário no âmbito da Universidade, através das realizações adequadas a fomentá-lo;

b) reintegração do ensino superior na sua função e formador de homens;

c) desenvolvimento do estudo dos problemas deontológicos e sociais;

d) formação superior religiosa.

### Condição indispensável de uma fecunda vida institucional da Universidade e a sua autonomia, a que ela

assimilar; uma ficção, a vida universitária que não existe ou em que o aluno não intervém, posto à margem como estranho.

As responsabilidades não cabem só aos mestres, cabem também aos próprios estudantes; são de todos. É preciso que todos, por consequência, façamos um exame de consciência, a fim de procurarmos melhorar o que não está certo.

O problema é tão complexo, depende de tantos factores, acha-se tão intimamente ligado a qualidades pessoais variáveis de indivíduo para indivíduo, que seria pura estultícia querer buscar-lhe uma solução uniforme e infalível.

Mas devemos reflectir nele, ter consciência da sua realidade e pôr, de parte, a maior diligência ao serviço da sua resolução.

Está em causa todo o sistema de relações de professores e alunos e de alunos entre si.

Essas relações devem estreitar-se tanto quanto possível, no duplo sentido indicado.

Só em tal estreitamento do estudante encontrar o germe fecundo do completo desabrochar da sua individualidade, quantas vezes riquíssima de criadoras potencialidades adormecidas, que só esperam o estímulo de um acaiete ou equilíbrio para saírem, despertadas, do letargo em que jazem.

A primeira condição necessária para o êxito e florescimento da vida institucional universitária é que o aluno se integre nela, desde a primeira hora, com a máxima consciência de um colaborador activo. Grande parte do mal vem do facto de ele se limitar a uma cómoda passividade, a aceitar todo o forte espírito de iniciativa, ou porque o mestre, também passivo, o não incita a reagir, ou porque ele resiste a todos os estímulos, distante na sua crosta de indiferença, ou abulido, sem coragem para vencer a timidez que o enleia.

O estudante precisa, antes de mais, de adquirir um grau de desenvoltura intelectual verdadeiramente universitária, base e ponto de partida do consistente enriquecimento e afirmação do seu espírito em todas as outras direcções possíveis.

Mas não o conseguirá se se limitar, como tanta vez faz, a aprender melhor ou pior o que lhe é ensinado, sem uma fecunda reabolição, sem uma filtragem cuidadosa através da própria sensibilidade e do próprio espírito crítico. Os problemas da inteligência, como os da vida e os problemas da vida são eles também, reclamam em quem deles se abreia uma postura enérgica de lutador, antecipadamente certo da vitória. Há que enfrentá-los e atacá-los viril, corajosamente, como num duelo. Pobres do que molemente se lhes abandonam, porque esses não vencem, são vencidos.

Compete ao mestre, logo desde o começo, despertar, orientar e corrigir o sentido crítico dos seus discípulos, afoando-lhes essa poderosa força que depois lhes permitirá caminhar resolutamente, entregues a si mesmos.

Para tal efeito, um dos processos mais úteis consiste, a meu juízo, em promover discussões entre alunos, travadas nos aules ou fora delas, em círculos ou círculos de estudo, sobre temas do programa ou alheios a este, sob a vigilância e discreta direcção do professor. Este reduzirá a sua intervenção ao mínimo, entregando o debate aos discípulos como coisa deles, e apenas se intrometerá, como prudente árbitro, em ordem a rectificar ou esclarecer, aqui ou ali.

Cônego das suas possibilidades e dos seus deveres, o estudante procurará, através e para além da aprendizagem obrigatória, conhecer a si mesmo, segundo o velho conselho aristotélico: encontrar os caminhos da sua inteligência e da sua sensibilidade, e lançá-los a si, confiantes. Escutevemos alguns George Bernardos: «para valer alguma coisa, é preciso primeiro saber o que se vai».

Quão largas perspectivas tem o aluno diante de si, quão ricos e gembrantes tesouros se oferecem, prodigamente, à sua avidez espiritual!

A busca serena da verdadeira vocação, o incessante alargamento dos horizontes culturais, que permita determinar com precisão as coordenadas de especialidade escolhida, no largo universo dos conhecimentos humanos; o desenvolvimento do sentido social, que leve cada um a sair do casulo do seu egoísmo e a vibrar em uníssono com os demais, preses todos as malhas de uma mesma e forte solidariedade; o aperfeiçoamento moral, religioso e cívico; a tensão, a luta doutrinária, tantas vezes directiva em que o verdadeiro estudante deve orientar o rumo das suas preocupações.

Para isso, alguma coisa se pode esperar e exigir da ajuda do mestre.

Mas, neste capítulo, os principais frutos há de produzi-los uma intensa vida associativa dos escolares, que os ponha em permanente contacto íntimo.

Residências ou casas de estudantes, associações académicas, centros religiosos ou ideológicos — eis outras tantas organizações que, colaborando nos fins universitários, fazem parte também da Universidade integral, como suas peças essenciais, imprescindíveis.

Diga-se ainda que, restando um pouco o fio de antiga tradição portuguesa, se deve dar ao corpo discente, no governo da Universidade ou da Escola, uma participação e que ele tem andado alheio, ouvindo representantes ou delegados seus sempre que, para efeitos de reforma ou de outra ordem, estejam em causa directamente os seus interesses e as suas aspirações.

### Condição indispensável de uma fecunda vida institucional da Universidade e a sua autonomia, a que ela

assimilar; uma ficção, a vida universitária que não existe ou em que o aluno não intervém, posto à margem como estranho.

As responsabilidades não cabem só aos mestres, cabem também aos próprios estudantes; são de todos. É preciso que todos, por consequência, façamos um exame de consciência, a fim de procurarmos melhorar o que não está certo.

O problema é tão complexo, depende de tantos factores, acha-se tão intimamente ligado a qualidades pessoais variáveis de indivíduo para indivíduo, que seria pura estultícia querer buscar-lhe uma solução uniforme e infalível.

Mas devemos reflectir nele, ter consciência da sua realidade e pôr, de parte, a maior diligência ao serviço da sua resolução.

Está em causa todo o sistema de relações de professores e alunos e de alunos entre si.

Essas relações devem estreitar-se tanto quanto possível, no duplo sentido indicado.

Só em tal estreitamento do estudante encontrar o germe fecundo do completo desabrochar da sua individualidade, quantas vezes riquíssima de criadoras potencialidades adormecidas, que só esperam o estímulo de um acaiete ou equilíbrio para saírem, despertadas, do letargo em que jazem.

A primeira condição necessária para o êxito e florescimento da vida institucional universitária é que o aluno se integre nela, desde a primeira hora, com a máxima consciência de um colaborador activo. Grande parte do mal vem do facto de ele se limitar a uma cómoda passividade, a aceitar todo o forte espírito de iniciativa, ou porque o mestre, também passivo, o não incita a reagir, ou porque ele resiste a todos os estímulos, distante na sua crosta de indiferença, ou abulido, sem coragem para vencer a timidez que o enleia.

O estudante precisa, antes de mais, de adquirir um grau de desenvoltura intelectual verdadeiramente universitária, base e ponto de partida do consistente enriquecimento e afirmação do seu espírito em todas as outras direcções possíveis.

Mas não o conseguirá se se limitar, como tanta vez faz, a aprender melhor ou pior o que lhe é ensinado, sem uma fecunda reabolição, sem uma filtragem cuidadosa através da própria sensibilidade e do próprio espírito crítico. Os problemas da inteligência, como os da vida e os problemas da vida são eles também, reclamam em quem deles se abreia uma postura enérgica de lutador, antecipadamente certo da vitória. Há que enfrentá-los e atacá-los viril, corajosamente, como num duelo. Pobres do que molemente se lhes abandonam, porque esses não vencem, são vencidos.

Compete ao mestre, logo desde o começo, despertar, orientar e corrigir o sentido crítico dos seus discípulos, afoando-lhes essa poderosa força que depois lhes permitirá caminhar resolutamente, entregues a si mesmos.

Para tal efeito, um dos processos mais úteis consiste, a meu juízo, em promover discussões entre alunos, travadas nos aules ou fora delas, em círculos ou círculos de estudo, sobre temas do programa ou alheios a este, sob a vigilância e discreta direcção do professor. Este reduzirá a sua intervenção ao mínimo, entregando o debate aos discípulos como coisa deles, e apenas se intrometerá, como prudente árbitro, em ordem a rectificar ou esclarecer, aqui ou ali.

Cônego das suas possibilidades e dos seus deveres, o estudante procurará, através e para além da aprendizagem obrigatória, conhecer a si mesmo, segundo o velho conselho aristotélico: encontrar os caminhos da sua inteligência e da sua sensibilidade, e lançá-los a si, confiantes. Escutevemos alguns George Bernardos: «para valer alguma coisa, é preciso primeiro saber o que se vai».

Quão largas perspectivas tem o aluno diante de si, quão ricos e gembrantes tesouros se oferecem, prodigamente, à sua avidez espiritual!

A busca serena da verdadeira vocação, o incessante alargamento dos horizontes culturais, que permita determinar com precisão as coordenadas de especialidade escolhida, no largo universo dos conhecimentos humanos; o desenvolvimento do sentido social, que leve cada um a sair do casulo do seu egoísmo e a vibrar em uníssono com os demais, preses todos as malhas de uma mesma e forte solidariedade; o aperfeiçoamento moral, religioso e cívico; a tensão, a luta doutrinária, tantas vezes directiva em que o verdadeiro estudante deve orientar o rumo das suas preocupações.

Para isso, alguma coisa se pode esperar e exigir da ajuda do mestre.

Mas, neste capítulo, os principais frutos há de produzi-los uma intensa vida associativa dos escolares, que os ponha em permanente contacto íntimo.

Residências ou casas de estudantes, associações académicas, centros religiosos ou ideológicos — eis outras tantas organizações que, colaborando nos fins universitários, fazem parte também da Universidade integral, como suas peças essenciais, imprescindíveis.

Diga-se ainda que, restando um pouco o fio de antiga tradição portuguesa, se deve dar ao corpo discente, no governo da Universidade ou da Escola, uma participação e que ele tem andado alheio, ouvindo representantes ou delegados seus sempre que, para efeitos de reforma ou de outra ordem, estejam em causa directamente os seus interesses e as suas aspirações.

### Condição indispensável de uma fecunda vida institucional da Universidade e a sua autonomia, a que ela

assimilar; uma ficção, a vida universitária que não existe ou em que o aluno não intervém, posto à margem como estranho.

As responsabilidades não cabem só aos mestres, cabem também aos próprios estudantes; são de todos. É preciso que todos, por consequência, façamos um exame de consciência, a fim de procurarmos melhorar o que não está certo.

O problema é tão complexo, depende de tantos factores, acha-se tão intimamente ligado a qualidades pessoais variáveis de indivíduo para indivíduo, que seria pura estultícia querer buscar-lhe uma solução uniforme e infalível.

Mas devemos reflectir nele, ter consciência da sua realidade e pôr, de parte, a maior diligência ao serviço da sua resolução.

Está em causa todo o sistema de relações de professores e alunos e de alunos entre si.

Essas relações devem estreitar-se tanto quanto possível, no duplo sentido indicado.

Só em tal estreitamento do estudante encontrar o germe fecundo do completo desabrochar da sua individualidade, quantas vezes riquíssima de criadoras potencialidades adormecidas, que só esperam o estímulo de um acaiete ou equilíbrio para saírem, despertadas, do letargo em que jazem.

A primeira condição necessária para o êxito e florescimento da vida institucional universitária é que o aluno se integre nela, desde a primeira hora, com a máxima consciência de um colaborador activo. Grande parte do mal vem do facto de ele se limitar a uma cómoda passividade, a aceitar todo o forte espírito de iniciativa, ou porque o mestre, também passivo, o não incita a reagir, ou porque ele resiste a todos os estímulos, distante na sua crosta de indiferença, ou abulido, sem coragem para vencer a timidez que o enleia.

O estudante precisa, antes de mais, de adquirir um grau de desenvoltura intelectual verdadeiramente universitária, base e ponto de partida do consistente enriquecimento e afirmação do seu espírito em todas as outras direcções possíveis.

Mas não o conseguirá se se limitar, como tanta vez faz, a aprender melhor ou pior o que lhe é ensinado, sem uma fecunda reabolição, sem uma filtragem cuidadosa através da própria sensibilidade e do próprio espírito crítico. Os problemas da inteligência, como os da vida e os problemas da vida são eles também, reclamam em quem deles se abreia uma postura enérgica de lutador, antecipadamente certo da vitória. Há que enfrentá-los e atacá-los viril, corajosamente, como num duelo. Pobres do que molemente se lhes abandonam, porque esses não vencem, são vencidos.

Compete ao mestre, logo desde o começo, despertar, orientar e corrigir o sentido crítico dos seus discípulos, afoando-lhes essa poderosa força que depois lhes permitirá caminhar resolutamente, entregues a si mesmos.

Para tal efeito, um dos processos mais úteis consiste, a meu juízo, em promover discussões entre alunos, travadas nos aules ou fora delas, em círculos ou círculos de estudo, sobre temas do programa ou alheios a este, sob a vigilância e discreta direcção do professor. Este reduzirá a sua intervenção ao mínimo, entregando o debate aos discípulos como coisa deles, e apenas se intrometerá, como prudente árbitro, em ordem a rectificar ou esclarecer, aqui ou ali.

Cônego das suas possibilidades e dos seus deveres, o estudante procurará, através e para além da aprendizagem obrigatória, conhecer a si mesmo, segundo o velho conselho aristotélico: encontrar os caminhos da sua inteligência e da sua sensibilidade, e lançá-los a si, confiantes. Escutevemos alguns George Bernardos: «para valer alguma coisa, é preciso primeiro saber o que se vai».

Quão largas perspectivas tem o aluno diante de si, quão ricos e gembrantes tesouros se oferecem, prodigamente, à sua avidez espiritual!

A busca serena da verdadeira vocação, o incessante alargamento dos horizontes culturais, que permita determinar com precisão as coordenadas de especialidade escolhida, no largo universo dos conhecimentos humanos; o desenvolvimento do sentido social, que leve cada um a sair do casulo do seu egoísmo e a vibrar em uníssono com os demais, preses todos as malhas de uma mesma e forte solidariedade; o aperfeiçoamento moral, religioso e cívico; a tensão, a luta doutrinária, tantas vezes directiva em que o verdadeiro estudante deve orientar o rumo das suas preocupações.

Para isso, alguma coisa se pode esperar e exigir da ajuda do mestre.

Mas, neste capítulo, os principais frutos há de produzi-los uma intensa vida associativa dos escolares, que os ponha em permanente contacto íntimo.

Residências ou casas de estudantes, associações académicas, centros religiosos ou ideológicos — eis outras tantas organizações que, colaborando nos fins universitários, fazem parte também da Universidade integral, como suas peças essenciais, imprescindíveis.

Diga-se ainda que, restando um pouco o fio de antiga tradição portuguesa, se deve dar ao corpo discente, no governo da Universidade ou da Escola, uma participação e que ele tem andado alheio, ouvindo representantes ou delegados seus sempre que, para efeitos de reforma ou de outra ordem, estejam em causa directamente os seus interesses e as suas aspirações.

### Condição indispensável de uma fecunda vida institucional da Universidade e a sua autonomia, a que ela

assimilar; uma ficção, a vida universitária que não existe ou em que o aluno não intervém, posto à margem como estranho.

As responsabilidades não cabem só aos mestres, cabem também aos próprios estudantes; são de todos. É preciso que todos, por consequência, façamos um exame de consciência, a fim de procurarmos melhorar o que não está certo.

O problema é tão complexo, depende de tantos factores, acha-se tão intimamente ligado a qualidades pessoais variáveis de indivíduo para indivíduo, que seria pura estultícia querer buscar-lhe uma solução uniforme e infalível.

Mas devemos reflectir nele, ter consciência da sua realidade e pôr, de parte, a maior diligência ao serviço da sua resolução.

Está em causa todo o sistema de relações de professores e alunos e de alunos entre si.

Essas relações devem estreitar-se tanto quanto possível, no duplo sentido indicado.

Só em tal estreitamento do estudante encontrar o germe fecundo do completo desabrochar da sua individualidade, quantas vezes riquíssima de criadoras potencialidades adormecidas, que só esperam o estímulo de um acaiete ou equilíbrio para saírem, despertadas, do letargo em que jazem.

A primeira condição necessária para o êxito e florescimento da vida institucional universitária é que o aluno se integre nela, desde a primeira hora, com a máxima consciência de um colaborador activo. Grande parte do mal vem do facto de ele se limitar a uma cómoda passividade, a aceitar todo o forte espírito de iniciativa, ou porque o mestre, também passivo, o não incita a reagir, ou porque ele resiste a todos os estímulos, distante na sua crosta de indiferença, ou abulido, sem coragem para vencer a timidez que o enleia.

O estudante precisa, antes de mais, de adquirir um grau de desenvoltura intelectual verdadeiramente universitária, base e ponto de partida do consistente enriquecimento e afirmação do seu espírito em todas as outras direcções possíveis.

Mas não o conseguirá se se limitar, como tanta vez faz, a aprender melhor ou pior o que lhe é ensinado, sem uma fecunda reabolição, sem uma filtragem cuidadosa através da própria sensibilidade e do próprio espírito crítico. Os problemas da inteligência, como os da vida e os problemas da vida são eles também, reclamam em quem deles se abreia uma postura enérgica de lutador, antecipadamente certo da vitória. Há que enfrentá-los e atacá-los viril, corajosamente, como num duelo. Pobres do que molemente se lhes abandonam, porque esses não vencem, são vencidos.

Compete ao mestre, logo desde o começo, despertar, orientar e corrigir o sentido crítico dos seus discípulos, afoando-lhes essa poderosa força que depois lhes permitirá caminhar resolutamente, entregues a si mesmos.

Para tal efeito, um dos processos mais úteis consiste, a meu juízo, em promover discussões entre alunos, travadas nos aules ou fora delas, em círculos ou círculos de estudo, sobre temas do programa ou alheios a este, sob a vigilância e discreta direcção do professor. Este reduzirá a sua intervenção ao mínimo, entregando o debate aos discípulos como coisa deles, e apenas se intrometerá, como prudente árbitro, em ordem a rectificar ou esclarecer, aqui ou ali.

Cônego das suas possibilidades e dos seus deveres, o estudante procurará, através e para além da aprendizagem obrigatória, conhecer a si mesmo, segundo o velho conselho aristotélico: encontrar os caminhos da sua inteligência e da sua sensibilidade, e lançá-los a si, confiantes. Escutevemos alguns George Bernardos: «para valer alguma coisa, é preciso primeiro saber o que se vai».

Quão largas perspectivas tem o aluno diante de si, quão ricos e gembrantes tesouros se oferecem, prodigamente, à sua avidez espiritual!

A busca serena da verdadeira vocação, o incessante alargamento dos horizontes culturais, que permita determinar com precisão as coordenadas de especialidade escolhida, no largo universo dos conhecimentos humanos; o desenvolvimento do sentido social, que leve cada um a sair do casulo do seu egoísmo e a vibrar em uníssono com os demais, preses todos as malhas de uma mesma e forte solidariedade; o aperfeiçoamento moral, religioso e cívico; a tensão, a luta doutrinária, tantas vezes directiva em que o verdadeiro estudante deve orientar o rumo das suas preocupações.

Para isso, alguma coisa se pode esperar e exigir da ajuda do mestre.

Mas, neste capítulo, os principais frutos há de produzi-los uma intensa vida associativa dos escolares, que os ponha em permanente contacto íntimo.

Residências ou casas de estudantes, associações académicas, centros religiosos ou ideológicos — eis outras tantas organizações que, colaborando nos fins universitários, fazem parte também da Universidade integral, como suas peças essenciais, imprescindíveis.

Diga-se ainda que, restando um pouco o fio de antiga tradição portuguesa, se deve dar ao corpo discente, no governo da Universidade ou da Escola, uma participação e que ele tem andado alheio, ouvindo representantes ou delegados seus sempre que, para efeitos de reforma ou de outra ordem, estejam em causa directamente os seus interesses e as suas aspirações.

### Condição indispensável de uma fecunda vida institucional da Universidade e a sua autonomia, a que ela

assimilar; uma ficção, a vida universitária que não existe ou em que o aluno não intervém, posto à margem como estranho.

As responsabilidades não cabem só aos mestres, cabem também aos próprios estudantes; são de todos. É preciso que todos, por consequência, façamos um exame de consciência, a fim de procurarmos melhorar o que não está certo.

O problema é tão complexo, depende de tantos factores, acha-se tão intimamente ligado a qualidades pessoais variáveis de indivíduo para indivíduo, que seria pura estultícia querer buscar-lhe uma solução uniforme e infalível.

Mas devemos reflectir nele, ter consciência da sua realidade e pôr, de parte, a maior diligência ao serviço da sua resolução.

Está em causa todo o sistema de relações de professores e alunos e de alunos entre si.

Essas relações devem estreitar-se tanto quanto possível, no duplo sentido indicado.

Só em tal estreitamento do estudante encontrar o germe fecundo do completo desabrochar da sua individualidade, quantas vezes riquíssima de criadoras potencialidades adormecidas, que só esperam o estímulo de um acaiete ou equilíbrio para saírem, despertadas, do letargo em que jazem.

A primeira condição necessária para o êxito e florescimento da vida institucional universitária é que o aluno se integre nela, desde a primeira hora, com a máxima consciência de um colaborador activo. Grande parte do mal vem do facto de ele se limitar a uma cómoda passividade, a aceitar todo o forte espírito de iniciativa, ou porque o mestre, também passivo, o não incita a reagir, ou porque ele resiste a todos os estímulos, distante na sua crosta de indiferença, ou abulido, sem coragem para vencer a timidez que o enleia.

O estudante precisa, antes de mais, de adquirir um grau de desenvoltura intelectual verdadeiramente universitária, base e ponto de partida do consistente enriquecimento e afirmação do seu espírito em todas as outras direcções possíveis.

Mas não o conseguirá se se limitar, como tanta vez faz, a aprender melhor ou pior o que lhe é ensinado, sem uma fecunda reabolição, sem uma filtragem cuidadosa através da própria sensibilidade e do próprio espírito crítico. Os problemas da inteligência, como os da vida e os problemas da vida são eles também, reclamam em quem deles se abreia uma postura enérgica de lutador, antecipadamente certo da vitória. Há que enfrentá-los e atacá-los viril, corajosamente, como num duelo. Pobres do que molemente se lhes abandonam, porque esses não vencem, são vencidos.

Compete ao mestre, logo desde o começo, despertar, orientar e corrigir o sentido crítico dos seus discípulos, afoando-lhes essa poderosa força que depois lhes permitirá caminhar resolutamente, entregues a si mesmos.

Para tal efeito, um dos processos mais úteis consiste, a meu juízo, em promover discussões entre alunos, travadas nos aules ou fora delas, em círculos ou círculos de estudo, sobre temas do programa ou alheios a este, sob a vigilância e discreta direcção do professor. Este reduzirá a sua intervenção ao mínimo, entregando o debate aos discípulos como coisa deles, e apenas se intrometerá, como prudente árbitro, em ordem a rectificar ou esclarecer, aqui ou ali.

Cônego das suas possibilidades e dos seus deveres, o estudante procurará, através e para além da aprendizagem obrigatória, conhecer a si mesmo, segundo o velho conselho aristotélico: encontrar os caminhos da sua inteligência e da sua sensibilidade, e lançá-los a si, confiantes. Escutevemos alguns George Bernardos: «para valer alguma coisa, é preciso primeiro saber o que se vai».

Quão largas perspectivas tem o aluno diante de si, quão ricos e gembrantes tesouros se oferecem, prodigamente, à sua avidez espiritual!

A busca serena da verdadeira vocação, o incessante alargamento dos horizontes culturais, que permita determinar com precisão as coordenadas de especialidade escolhida, no largo universo dos conhecimentos humanos; o desenvolvimento do sentido social, que leve cada um a sair do casulo do seu egoísmo e a vibrar em uníssono com os demais, preses todos as malhas de uma mesma e forte solidariedade; o aperfeiçoamento moral, religioso e cívico; a tensão, a luta doutrinária, tantas vezes directiva em que o verdadeiro estudante deve orientar o rumo das suas preocupações.

Para isso, alguma coisa se pode esperar e exigir da ajuda do mestre.

Mas, neste capítulo, os principais frutos há de produzi-los uma intensa vida associativa dos escolares, que os ponha em permanente contacto íntimo.

Residências ou casas de estudantes, associações académicas, centros religiosos ou ideológicos — eis outras tantas organizações que, colaborando nos fins universitários, fazem parte também da Universidade integral, como suas peças essenciais, imprescindíveis.

Diga-se ainda que, restando um pouco o fio de antiga tradição portuguesa, se deve dar ao corpo discente, no governo da Universidade ou da Escola, uma participação e que ele tem andado alheio, ouvindo representantes ou delegados seus sempre que, para efeitos de reforma ou de outra ordem, estejam em causa directamente os seus interesses e as suas aspirações.

### Condição indispensável de uma fecunda vida institucional da Universidade e a sua autonomia, a que ela

assimilar; uma ficção, a vida universitária que não existe ou em que o aluno não intervém, posto à margem como estranho.

As responsabilidades não cabem só aos mestres, cabem também aos próprios estudantes; são de todos. É preciso que todos, por consequência, façamos um exame de consciência, a fim de procurarmos melhorar o que não está certo.

O problema é tão complexo, depende de tantos factores, acha-se tão intimamente ligado a qualidades pessoais variáveis de indivíduo para indivíduo, que seria pura estultícia querer buscar-lhe uma solução uniforme e infalível.

Mas devemos reflectir nele, ter consciência da sua realidade e pôr, de parte, a maior diligência ao serviço da sua resolução.

Está em causa todo o sistema de relações de professores e alunos e de alunos entre si.

Essas relações devem estreitar-se tanto quanto possível, no duplo sentido indicado.

Só em tal estreitamento do estudante encontrar o germe fecundo do completo desabrochar da sua individualidade, quantas vezes riquíssima de criadoras potencialidades adormecidas, que só esperam o estímulo de um acaiete ou equilíbrio para saírem, despertadas, do letargo em que jazem.

A primeira condição necessária para o êxito e florescimento da vida institucional universitária é que o aluno se integre nela, desde a primeira hora, com a máxima consciência de um colaborador activo. Grande parte do mal vem do facto de ele se limitar a uma cómoda passividade, a aceitar todo o forte espírito de iniciativa, ou porque o mestre, também passivo, o não incita a reagir, ou porque ele res

AS ELEIÇÕES PARLAMENTARES NA ÁFRICA DO SUL

deram ao Partido Nacional uma maioria de 29 lugares

JOANESBURGO, 17 — Na nova Câmara sul-africana o Partido Nacional...

de o Partido Nacional, que forme o novo gabinete. Parece provável que o dr. Malan...

Eisenhower põe em relevo a importância da migração de europeus para a paz do mundo

GENEVA, 17 — Numa mensagem publicada hoje, o presidente Eisenhower...

LONDRES, 17 — A propósito dos resultados das eleições sul-africanas, pensa-se nos meios políticos londrinos...

PERON advoga a NECESSIDADE de uma vasta depuração nas fileiras do seu partido

BUENOS AIRES, 17 — Presidindo a uma conferência dos governadores de província...

AFIRMAÇÕES DE FRANCO

SEVILHA, 17 — «Afianço-vos que na doutrina da Falange se encontra a distribuição justa do benefício»...

PORTUGAL na União Europeia de Pagamentos

PARIS, 17 — A França e a Itália foram de novo os maiores devedores na União Europeia de Pagamentos...

NA IGREJA de S. João de Deus

Continuação da 1.ª página. rante a morte, e o facto da morte tem que ser integrado na sua própria existência...

COMÉRCIO COM O BRASIL

RIO DE JANEIRO, 17 — O Conselho da Superintendência da Moeda e do Crédito resolveu fixar o prazo de cinco dias...

EDEN sofre de angina

LONDRES, 17 — O Foreign Office anunciou que Anthony Eden, que foi operado no domingo, sofre agora de uma angina, com febre...

CHURCHILL apoia o apelo de paz de EISENHOWER À RUSSIA

GLASGOW, 17 — Winston Churchill, em um discurso proferido esta noite em Glasgow...

NA COREIA

Os três pontos principais duma proposta feita aos comunistas sobre o repariamento dos prisioneiros que não desejam ser repatriados

PAN MUN JOM, 17 — Os oficiais de ligação aliados entregaram aos oficiais de ligação comunistas...

Os prisioneiros que não queiram repatriar-se poderão ser colocados sob a tutela da Suíça

TOQUIO, 17 — O general Mark Clark propôs que os prisioneiros de guerra...

A LUTA NA INDOCHINA

As tropas francesas e de Laos em retirada foram atacadas pelas forças rebeldes comunistas

PARIS, 17 — Rebeldes comunistas de Viet Minh fizeram um segundo ataque a uma coluna de tropas francesas...

O DISCURSO de Eisenhower constitui nova ofensiva de paz

AUGUSTA (Geórgia), 17 — O discurso do presidente Eisenhower sobre a paz mundial e a redução dos armamentos...

OS TUMULTOS NA PÉRSIA

TEHRAN, 17 — «O Exército, instigado pela Corte, é directamente responsável pelos incidentes de Chiraz»...

A situação dos goeses no Paquistão

GOA, 17 — A situação dos goeses no Paquistão Ocidental — segundo as declarações de um recém-chegado...

Os jornais de Moscovo publicaram o último discurso de Eisenhower

MOSCOW, 17 — Todos os jornais de Moscovo publicam esta manhã o discurso do presidente Eisenhower...

O MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS EM BONA

BONA, 17 — O Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Prof. Dr. Paulo Cunha...

Os Estados Unidos estão dispostos a conceder ao Japão o direito de julgar soldados americanos que violam a lei

TOQUIO, 17 — O Ministério dos Estrangeiros anunciou hoje que os Estados Unidos informaram que estavam dispostos a entregar ao Japão o direito de prender e julgar soldados americanos...

GROMYKO vai deixar de ser o embaixador da Rússia em Londres?

LONDRES, 17 — Após uma visita feita ontem por Gromyko, embaixador da URSS, a Winston Churchill...

Malik vai substituir Gromyko em Londres?

LONDRES, 17 — O embaixador da URSS em Londres, Gromyko, foi recebido ontem por Winston Churchill...

Espectacular desastre e morte horrrosa de um automobilista

SAN FRANCISCO, 17 — Uma verdadeira cacarabola de nove automóveis que chocaram uns contra os outros...

Deixam de tocar nos portos soviéticos mais 53 cargueiros gregos

WASHINGTON, 17 — O senador Mac Carthy anunciou hoje que mais cinquenta e três cargueiros gregos vão cessar todo o comércio com a China comunista...

O embaixador da Polónia em Londres foi chamado pelo seu governo

LONDRES, 17 — Anunciou-se oficialmente que Michalowski, embaixador da Polónia em Londres...

Há 18 mortos no incêndio de Chicago e 20 desaparecidos

CHICAGO, 17 — Eleva-se a 18 o número de mortos nos dois incêndios que rebentaram simultaneamente ontem de manhã em Chicago...

MARECHAL CARMONA

A junta de freguesia da Ajuda manda celebrar amanhã, às 12 horas, na igreja paroquial...

Indemnizações a menores por desastres no trabalho

Segundo sentença proferida pelo Tribunal do Trabalho de Faro, os trabalhadores menores de 16 anos não têm direito a indemnizações...

SALAZAR NO GOVERNO

Continuação da 1.ª página. tramar e nos países estrangeiros. Entre outros actos comemorativos haverá, no dia 27, às 22 horas...

No Porto

PORTO, 18 — O Porto vai associar-se às comemorações do 25.º aniversário da entrada do sr. Dr. Oliveira Salazar...

NOVIDADES NO PORTO

MISSA DO SÉTIMO DIA POR ALMA DE ANTERO DE FIGUEIREDO. Na igreja paroquial da Foz do Douro...

EXPOSIÇÕES DE FOTOGRAFIAS AERÉAS

Inaugurou-se, hoje, no Instituto Britânico, com a assistência das autoridades e directores daquele organismo...

VIDA ARTÍSTICA

Com a ópera «Aida», de Verdi, estreou-se, hoje, no Coliseu do Porto, a Grande Companhia de Ópera Lírica Italiana.

O 50.º ANIVERSÁRIO da morte DO CONDE DE FICALHO

É hoje, como já anunciamos, que se realiza, às 21 horas e meia, na Sociedade das Ciências Médicas, a sessão solene comemorativa do cinquentenário da morte do célebre botânico...

Centenário da instituição do ensino superior agrícola

O sr. Prof. Vitória Pires, Subsecretário de Estado da Agricultura, autorizou os engenheiros agrónomos dos diversos Serviços do seu departamento...

Novo director-geral interno dos Serviços Hidráulicos

Foi nomeado interinamente e em comissão de serviço, director-geral dos Serviços Hidráulicos, o sr. Inspector superior de obras públicas...

ULTIMA HORA

PORTUGAL credor da União Europeia de Pagamentos

PARIS, 17 — Portugal figura entre os países credores da União de Pagamentos, segundo o balanço de 31 de Março último...

MALYK embaixador soviético EM LONDRES

MOSCOW, 17 — Soubese que a Grã-Bretanha concordou com a nomeação de Jacob Malyk para Embaixador soviético em Londres...

A TRASLADAÇÃO dos restos mortais DA PRINCESA ISABEL PARA O BRASIL

RIO DE JANEIRO, 17 — A comissão encarregada da trasladação para o Brasil dos restos mortais da Princesa Isabel, a Redentora...

Sem Comentário

pressões ribombantes, girandola palavroso, onde mal se distinguia o que foi critica ou reclame pago a linha, levantado pelo apertamento do filme «Chaimite»...

NOVIDADES DE COIMBRA

BODAS DE PRATA SACERDOTAIS. Festeja no domingo as suas bodas de prata de sacerdote o reverendo Padre António Augusto Afonso...

CURSO DE HISTÓRIA

O historiador francês sr. M. Robert Ricard, que efectuou já duas conferências nesta cidade...

CONCURSO PARA PROFESSOR DE FARMÁCIA

Foram indicados para fazer parte do júri do concurso que se efectua em Lisboa para professor extraordinário de Química da Escola de Farmácia...

RECITAL DE PIANO

No salão da União de Grémios, com grande assistência especialmente de senhoras...

Conferências Na Sociedade de Geografia

A convite da Sociedade de Geografia e da sua Comissão de Estudos de Energia Nuclear chega hoje a Lisboa, pela «Air France»...